

O ATLAS DOURADO





O
ATLAS
DOURADO

As grandes expedições
e descobertas em mapas

EDWARD
BROOKE-HITCHING

Tradução de
RUTE MOTA

B
BERTRAND EDITORA

Lisboa 2019

SALONIC

CYRUS

EXPLORAÇÃO E CARTOGRAFIA DO MUNDO ANTIGO 2250 a. C.-150 d. C

«Nada é impossível para quem se esforça.»

ALEXANDRE, O GRANDE



Mapa de Ortelius, em duas folhas, do Antigo Egito, a partir de dados dos historiadores Diodoro Sículo, Heródoto, Estrabão e Plínio.

Para encontrar a história do primeiro dos exploradores citados, temos de olhar para o Antigo Egito, um reino tradicionalmente lembrado pela atitude feroz de superioridade e pelas políticas isolacionistas. Não há melhor personagem desta época a destacar do que Harcufo, um expedicionário nobre da Sexta Dinastia (c. 2345-2181 a. C.). O seu túmulo nas colinas de Assuão, ladeando o Nilo, inclui uma autobiografia esculpida na pedra. A história de Harcufo é a primeira crónica de exploração conhecida, referindo as suas quatro viagens épicas ao longínquo reino de «Yam», cuja localização exata permanece um mistério mas se julga ser o Sudão moderno além do Alto Nilo.

«Demorei apenas sete meses», vangloria-se Harcufo da sua primeira viagem a Yam, «e trouxe toda [a espécie de] presentes [...] Fui muito elogiado por isso.» Regressou de todas as três viagens seguintes com presentes igualmente exóticos como tributo, entusiasmando, na última viagem, o faraó Pepi II, de 8 anos, com a notícia de que lhe trazia a oferta de «um anão dançante do deus da terra dos espíritos». «Vinde para norte, para a corte, de imediato», responde-lhe Pepi, numa carta que Harcufo orgulhosamente gravou no seu túmulo. «Trazei esse anão convosco [...] tomai cuidado, não tombe ele na água.»

Ainda mais misterioso, também para sudoeste e de localização desconhecida, era o reino de «Punt», visitado pela primeira vez por um grupo enviado pelo faraó Sahuré, c. 2450 a. C. Devido aos seus bens luxuosos, tornou-se um destino frequente, apesar da necessidade de puxar materiais para a construção de embarcações por 250 quilómetros desde o Nilo até ao mar Vermelho. Depois de 2000 a. C., Punt foi esquecido durante 500 anos, até ao reinado de Hatexepsute, a primeira mulher faraó do Egito, que governou a partir de 1479 a. C. Desejando ser recordada para sempre, enviou uma força de 210 homens para restabelecer contacto com Punt e regressar com árvores exóticas para o mais grandioso jardim que o Egito conheceu. E assim fizeram eles, com mirra, incenso e ainda mais, presenteando-a mesmo com famílias inteiras trazidas de Punt. Este êxito significava que fora alcançado o desejo de Hatexepsute de ser recordada: o seu grandioso templo fúnebre foi adornado com relevos triunfais a celebrarem a expedição a Punt e hoje enche-se diariamente de turistas.

Cerca de 860 anos mais tarde, Necaú II assumiu o trono egípcio e tentou resolver o problema da travessia por terra entre o Nilo e o mar Vermelho, ordenando a escavação de um canal, um precursor do Suez. O projeto foi abandonado depois de



Harcufo num relevo do seu túmulo.



Soldados egípcios da expedição de Hathepsute ao reino de Punt como representados no seu templo em Deir el-Bahari.

terem sido perdidas 12 mil vidas num deslizamento de areias (havia também a preocupação de que os odiados Babilónios o usassem como meio para uma invasão), e Neceu desviou a sua atenção para explorações mais a sul do que as das precedentes navegações no mar Vermelho. Entre 610 e 594 a. C., incumbiu uma força de timoneiros especialistas fenícios da condução de uma viagem sem precedentes. A única fonte sobre esta expedição é um parágrafo das *Histórias* de Heródoto. Os homens navegaram para sul, ao longo da costa leste de África, com o Sol à sua direita. (Heródoto, desconhecendo a curvatura da Terra, achou isto desconcertante.) E acabaram por voltar ao Egito através do Mediterrâneo, depois de terem contornado o continente africano. Quanto disto é de facto verdade tem sido discutido por mais de 2000 anos. Plínio acreditou na história, ao passo que Ptolomeu a descartou, defendendo a ideia, presente nos seus mapas, de que África não podia ser circum-navegada devido a ser um promontório de um vasto continente austral.

Outra figura referida por Heródoto é Cílix de Carianda, um grego ao serviço dos Persas que explorou as costas do oceano Índico e em volta da Arábia em 515 a. C. Se a exploração de Cílix era movida por honra e glória, a viagem de Sataspes, sobrinho de Dário, rei da Pérsia, teve uma motivação muito diferente. Depois de apanhado a desonrar a filha de um nobre, Sataspes evitou a sentença corrente de empalação ao escolher uma pena «ainda mais severa»: uma viagem em torno de África. Partiu do Egito, através do estreito de Gibraltar, seguindo a costa africana para sul durante meses, até descobrir uma terra de pigmeus que vestiam folhas de palmeira. Sem



conseguir passar correntes adversas, regressou à Pérsia na esperança de que as suas descobertas lhe granjeassem perdão. Tal não aconteceu. Xerxes considerou a viagem um fraco esforço, e Satespes foi empalado.

O século IV a. C. foi o de Alexandre, o Grande, que herdou o antigo reino grego da Macedónia aos 20 anos, quando o seu pai, Filipe, foi assassinado. Sendo-lhe entregue o comando da Grécia e com um exército formidável às suas ordens, atravessou os Dardanelos (um braço de água que constitui a fronteira entre a Europa e a Ásia) em 334 a. C. e partiu em campanhas militares nunca antes vistas que romperam através da Ásia e do Noroeste de África, criando, aos 30 anos, um dos maiores impérios alguma vez construídos com um recorde de batalhas de que saiu vencedor. Alexandre teve Aristóteles como preceptor até aos 16 anos, mas a sua ideia do Mundo existente era

Mapa de Ortelius das conquistas de Alexandre, o Grande, no Médio Oriente e na Pérsia, 1608.



cerceada pelos limites do conhecimento grego: o que existia a oriente do Cáspio e a sul do mar Arábico não passava de conjectura. A verdadeira extensão da Ásia era desconhecida, limitando-se à noção aristotélica do Mundo como uma ilha gigante rodeada por um único oceano.

O desejo de persistir na procura da costa deste «Grande Mar Exterior» guiou Alexandre por muitos milhares de quilómetros, do Egito até à Mesopotâmia e à Pérsia, descobrindo as planícies intermináveis da Ásia Central, e chegando por fim ao Vale do Indo em 326 a. C. (onde, entre outras exigências, pediu que lhe trouxessem o célebre *yeti*, para o observar, mas foi-lhe dito que tal seria impossível, pois essas criaturas não sobrevivem a baixa altitude). Quando ordenou que passassem o possante Ganges, os seus homens, exaustos, recusaram-se a continuar.

Em 325 a. C., um geógrafo chamado Píteas, de Massália (Marselha), colónia grega e centro de comércio, fez a sua própria viagem de descoberta, documentando pela primeira vez o litoral da Grã-Bretanha, da Europa do Norte e mais além. Apesar de não ter sobrevivido, o seu registo da viagem, *Sobre o Oceano*, foi celebrado na Antiguidade, e perduram fragmentos como ecos noutras geografias. Foi o primeiro a

Mapa de Martin Waldseemüller das ilhas britânicas, com uma Escócia inclinada devido à confiança de Ptolomeu nas coordenadas incorretas de Píteas.



descrever o sol da meia-noite que brilha durante meses seguidos, o primeiro observador científico do gelo polar e das tribos germânicas, e o primeiro a apresentar a mítica ilha Thule, que impregnaria a imaginação geográfica durante mais de mil anos como nome para todos os rumores e devaneios de territórios a norte. Sucede que a rota de Píteas o afastou do golfo da Biscaia, contornando a Bretanha moderna e atravessando o canal da Mancha até à Cornualha. Circum-navegou depois «as ilhas de Pretanni» [Grã-Bretanha], observando as Órcades e as Shetland, e dirigiu-se para norte, para Thule, que se julga ser a Islândia ou a costa norueguesa.

Embora tivesse os seus céticos – Estrabão considera Píteas um «falsificador astuto» –, *Sobre o Oceano* foi citado por

Mapa do mundo, de Mercator, com base nos escritos de Ptolomeu, 1578.



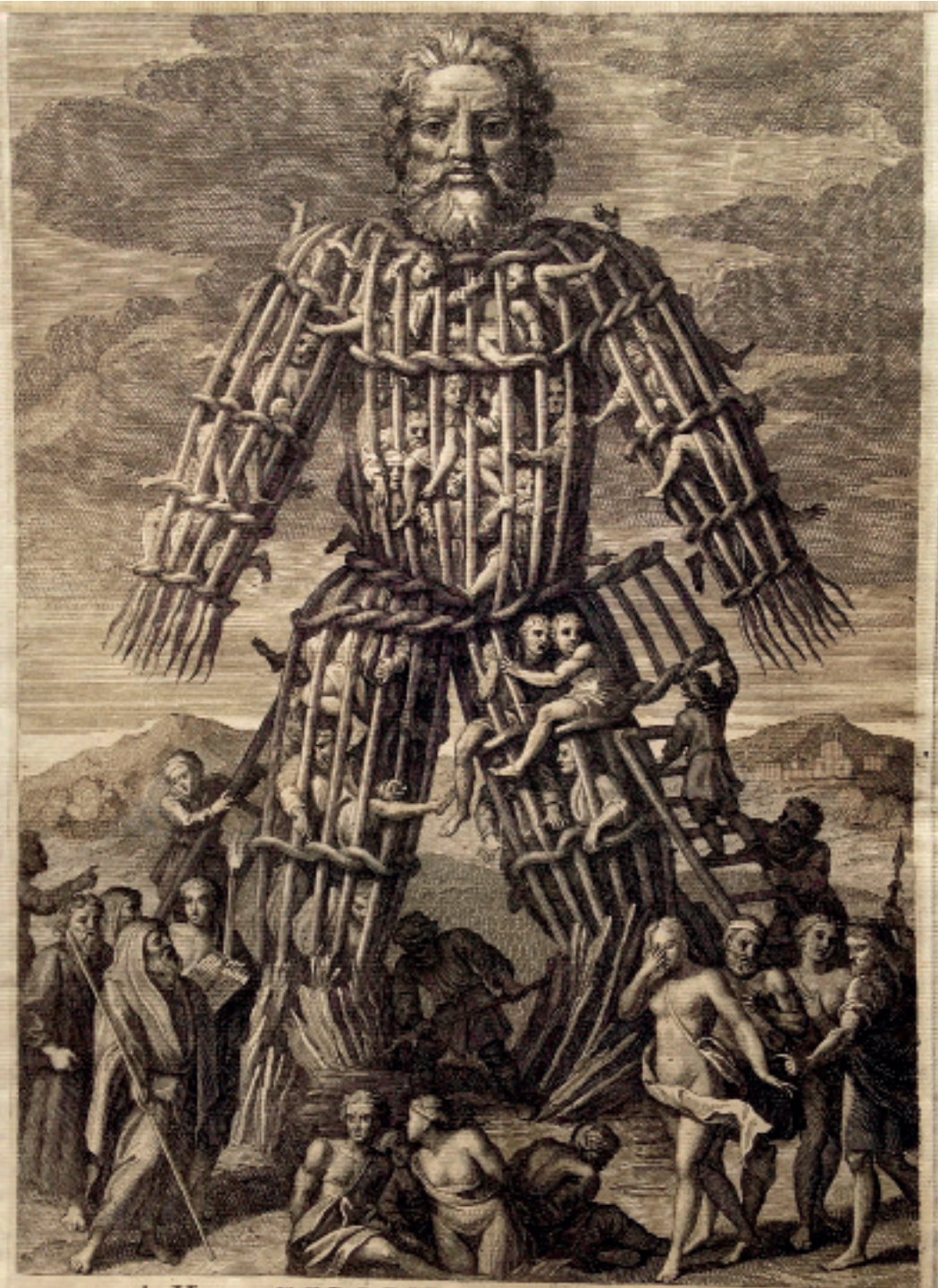
historiadores e geógrafos durante séculos com uma influência notória na cartografia primeva, como o mapa segundo Ptolomeu (na página 22) que mostra a Escócia inclinada para a direita, muito provavelmente devido a basear-se nas coordenadas erradas de Píteas.

Com o novo milénio, as sombras que cobriam o centro de França, Alemanha, Espanha e Grã-Bretanha foram dissipadas pelas explorações do Império Romano lideradas por Júlio César e seus sucessores, e que produziram os primeiros documentos detalhados da geografia das culturas nativas encontradas. Em 84, o general gaulês-romano Agrícola estava na Escócia. Desconhecendo a viagem de Píteas, ordenou que um pelotão fizesse a circum-navegação, e este reivindicou as Órcades e avistou a sua própria «Thule» – neste caso, as Shetland. Entretanto, em África, Suetónio Paulino atravessou a cordilheira do Atlas no norte, no ano 42, e, em 60, Nero enviou um pequeno destacamento da guarda pretoriana para navegar o Nilo, em busca da sua nascente, acabando por perder o rio no vasto pântano Sudd, no Sul do Sudão, um atoleiro que engoliria tentativas futuras.

Pouco se sabe do geógrafo grego Marino de Tiro, do século II, que elaborou diligentemente um atlas, atribuindo, pela primeira vez, coordenadas a cada particularidade geográfica até então conhecida. Este trabalho há muito perdido serviu de base para o único livro de cartografia que sobreviveu à

Excerto da cópia de c. 1200 da original Tabula Peutingeriana de 300 a. C., um extenso mapa de estradas (com mais de 7 metros) do Império Romano, a assinalar c. 4000 povoações. A costa britânica está no canto superior esquerdo.

PÁGINA SEGUINTE: Guerra da Gália, 1753. A queima de um «homem de vime» cheio de humanos por druidas da antiga Grã-Bretanha, como descrita por Júlio César no seu Comentário à Guerra da Gália. Na verdade, não há evidência de que este tipo de sacrifício alguma vez tenha sido usado – é provável que a história tenha sido uma invenção para exagerar a barbaridade dos nativos.



A Huge COLOSSUS made of Ofier Twigs,
in which Men were burnt alive in Honour of the Gods.

Nº. 28

Fig. 99.





Antiguidade, a *Geografia de Cláudio Ptolomeu*, escrita em c. 140-150. Também a obra de Ptolomeu esteve perdida durante séculos e parece ter sido quase desconhecida dos geógrafos até ao século IX, quando foi descoberta por cartógrafos muçulmanos. Igualmente importante foi a sua redescoberta europeia, que se deu no início do século XIV, pelo monge bizantino-grego Máximo Planudes, que a traduziu para latim e fez a primeira de muitas reconstruções dos mapas de Ptolomeu a partir dos dados no texto.

Única sobrevivente da sua época, a *Geografia* faz uma síntese hábil da história da exploração da Antiguidade. Com os seus mapas reproduzidos em manuscritos medievais, suplantando os mapas-múndi (mapas do mundo) religiosos, Ptolomeu continuou a dominar o conhecimento geográfico popular nos 200 anos seguintes.

O mundo cartografado pelo matemático grego do século II, Ptolomeu. Cópia impressa em Roma, em 1478.